

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. V TEATRO VIMARANENSE.

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1937 | Número: 47

Como citar este documento:

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. V Teatro Vimaranesense. *Revista de Guimarães*, 47 (1-2) Jan.-Jun. 1937, p. 30-74.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Curiosidades de Guimarães

V

Teatro Vimaranesense

(Cont. da pág. 252 do vol. XLVI)

B. de L., em Setembro de 1857, ao descrever um baile dado na casa do Arco, pelo Conde de Azenha, e depois de nos pintar todo o adôrno majestoso que as flores, as luzes e os festões emprestavam às salas de tão nobre palacete, vai-nos indicando o trajar, a elegância, as maneiras e os encantos das *65 formosíssimas Damas que abrilhantaram aquele recinto agradabilíssimo. A Condessa de Basto usava um vestido preto de more antiquo, riquíssimo, e o seu enfeite eram brilhantes em abundância, dentre os quais saíam duas lindas plumas brancas. A Viscondessa de Pindela apresentava-se em rigor: usava um vestido de tarlatana, branco, primorosamente bordado a palha e sêda.*

Outros vestuários examinou o cronista elegante:

Uma trajava um gracioso vestido branco, enfeitado de lindas fitas de cetim da mesma côr.

Outra trajava uma linda saia de cetim branco, por baixo de um vestido de tarlatana côr de rosa, enfeite branco e um lindo bouquet mui graciosamente composto.

A filha do Sr. Conde, a Rainha do baile, ostentava um vestido de sêda adamascada, com o peito guarnecido de rendas finíssimas e enfeites de fitas de cetim côr de rosa.

E, segundo o substancioso cronista, uma dama roubava tôdas as simpatias pela elegância do seu corpo; outra realçava pelo brilho dos seus olhos e ainda

uma mais feliz, conseguiu prender, pelas maneiras e encantos, o coração do apaixonado folhetinista.

Nesse correr de prosa descritiva, as damas são apelidadas de ninfas, nome de azouçamento cupidíneo, muito ao sabor da época, porém agradavelmente apetitoso e desnudo (1).

Outros ainda, pura e castamente, lhes chamavam driades, fadas, mariposas e garças cheias de graça, de rostos formosíssimos, olhos fascinadores, palavras magnéticas, seios ondulantes, almas virginais e de corações irrompendo lavas de sentimento e poesia.

A paixão assomadiça dos corações ateava o calor dos adjectivos, e batalhava pela dama com elegância de pena, à maneira antiga, como nos duelos de lança e espada.

— «Vinte dias, quasi continuados, frios e chuvosos, fizeram ver a S. Ex.^a o Sr. Visconde de Pindela que o bom ou mau tempo era o que formava as estações.

Dominado por esta ideia e de acôrdo com o seu Ex.^{mo} primo e amigo o Sr. Barão de Pombeiro, resolveu dar principio aos serões, começando o turno em sua casa no domingo próximo passado. Mas, que fazer? Conversar, jogar? Era essa a monotonia de que se queria sair.

Então os dois distintos cavalheiros conceberam o plano de formar um pequeno teatro na sala de baile do primeiro (o Sr. Visconde) no qual, juntamente com alguns cavalheiros e damas das suas familias e das suas relações, pudessem levar à scena o lindo drama do Sr. C. Castelo Branco — *Espinhos e Flores* — e a farsa — *A' Porta da Rua*.

Servido o chá, abriu-se a sala de baile, que estava transformada num pequeno mas lindo teatro, fazendo crer a muita gente que não se estava no Proposto, mas sim na quinta das Laranjeiras.

Que os nobres Visconde e Barão desempenhassem cabalmente os difíceis cargos que para si reservaram, não admira. O talento do primeiro é tão reconhecido, que, suspeitar o contrário, seria temeri-

(1) «A Tesoura de Guimarães», n.º 107 de 1857.

dade, e a imprensa conimbricense tem feito ao segundo rigorosa justiça, prodigalizando-lhe os tão merecidos louvores» (1).

O Sr. José Pinto Coelho Guedes também dava sumptuosos bailes no seu vasto e formoso palacete do terreiro de Santa Clara.

Em 16 de Junho de 1858 reuniu em sua casa cento e trinta e tantas pessoas, entre damas e cavalheiros, da mais nobre e galante sociedade vimararense.

Os brilhantes que cobriam a cabeça, pescoço, peito, braços e dedos de muitas senhoras, unidos aos seus formosíssimos vestidos, recordavam o luxo e riqueza asiática (2).

O baile de máscaras que em 20 de Fevereiro de 1871 deu em sua casa o Sr. Luís Cardoso Martins também ficou memorável. Diz o cronista que escandalizou a memória dos vèlhos e surpreendeu a curiosidade dos novos.

Para cima de 300 convidados abrilhantaram a festa. A primeira aristocracia de Guimarães e Braga, e tudo que a história, a civilização e o trabalho têm como nobre e distinto, confraternizou alegremente.

Apareceram ali os mais exquisitos *costumes*, os mais ricos vestuários e soberbos cabelos adornados a capricho, em espiral, ornados de riquíssimos diamas.

Outras elegantes renunciaram aos fingimentos graciosos da exhibição carnavalesca, e apareceram ricamente postas, donairosas, elegantes e fascinadoras. A espôsa de Luís Cardoso trajava vestido de veludo preto com túnica do mesmo veludo, guarnecido com cetim e rendas, ornando-lhe a cabeça uma lindíssima rosa de musgo. A Baronesa de Pombeiro, vestido de *glacé* côr de mel com túnica de *grenadine* e laços e fitas escarlates com magníficos brilhantes. D. Delfina Martins, de sêda *gris perle*; D. Maria Pinheiro, de veludo preto com enfeites de fitas escocesas e aderêço de ouro; D. Maria S. Basto, de *moirée* côr de granada

(1) «A Tesoura de Guimarães», n.º 105 de 1857.

(2) Idem, n.º 178 de 1858.

e uma silva de rosas brancas na cabeça; Viscondessa de Pindela, de veludo preto guarnecido a veludo verde; D. Ana Noronha, de *faille* côr de castanha, com túnica branca; etc., etc.

E todos estes românticos folhetinistas se enamoravam doidamente, como os vates nos outeiros, ao sabor das banzas e dos pinguentos pastéis de nata e ovos-moles.

E' que a contemplação fantástica duma virgem trajando as vestes de um anjo e revolteando-se em donairosos requêmbros, excita uma suprema ânsia de amor activo, maravilhoso e impossível! (1)

No baile dos Viscondes de Margaride, realizado em 8-1-1874, tomaram parte para cima de 300 pessoas, entre damas e cavalheiros. Tudo era um primor; tudo era riqueza e asseio. Vestidos de sêda, de veludo, de gorgorão, de rendas de Bruxelas, saiaís de cetim, caudados, tufos de gase, tarlatanas, vaporosos tules, jóias de brilhantes, colares fulgentes, belos penteados, alguns fantásticos, na própria expressão do cronista, ornados de pérolas de preço e de flores e fôlhas de nevado, grinaldas de rosas, etc.

As mulheres eram umas deidades, e a vida correu naquela festa com o inebriante gôzo do peregrino do deserto, sob as sombras encantadoras e as frescuras vivificantes do oásis (2).

Santo cronista!...

Na *soirée* dos Viscondes de Lindoso, onde apareceram 80 convidados dos da mais fina *élite* vimaranense, o cronista não se enamorou, como os demais, mas foi chamando às damas huris do Eden terrestre.

Por estas amostras, as únicas que os periódicos da época nos facultam, se pode avaliar e ajuizar claramente da rotação aristocrática das nossas festas elegantes e de ponto-em-branco, e de como viviam familiarmente as pessoas nobres desta nobre terra de Guimarães.

(1) «O Vimaranense», n.º 674 de 1871.

(2) «Religião e Pátria», de 10-1-1874.

Demais, os bailes e saraus eram freqüentes nos palacetes de Rodrigo de Sousa Teixeira Alcoforado, Serafim Antunes Guimarães (palacete do Toural), Barão de Pombeiro, Visconde de Pindela, Luís Cardoso Martins, Conde de Azenha, José Joaquim Machado Ferraz, Conde de Vila Pouca, Viscondes de Lindoso, Francisco António da Silveira, dos Pombais, Luís Martins da Costa, Ribeiro de Abreu, D. Joaquina Rosa de Araújo Martins, Conde de Margaride e Francisco Martins Sarmiento, etc., etc.

Os bailes de máscaras realizados nas casas destes dois últimos vimaranenses ficaram célebres ⁽¹⁾.

Festações de regozijo público :

Calha bem agora, o desfilar minucioso das festas e dos bailes dos magnates vimaranenses, que assentavam arraiais na política de D. Miguel.

Esta terra teve sempre grande agarramento fidalgo de amor e lealdade às destacadas primazias do Chefe e Senhor do partido miguelista. Desta banda estavam, e mais abundantemente, os nobres e ricos

(1) Ver o periódico vimaranense «Eco Popular», n.º 4 de 1879.

Em 1898, o baile de máscaras que Martins Sarmiento organizou em sua casa foi também de um grande brilho, quer na apresentação dos pares, quer na diversidade dos passatempos, quer na figuração da distintíssima assistência que a êle assistiu. A certa altura, no auge da animação, zangarreou a chula. E os versos principiaram a correr ao sabor desgarrado das romarias, naquele saúdar festeiro e respeitoso do — Viva o sr. *Fulaninho* e *Cicraninho*, e tôda a presente sociedade de estimação.

Meninas desta cidade,	Vivam os belos parceiros
Meninas sois de tremer,	Que tendes aos vossos lados ;
Vós tendes a herôicidade	Parecem mesmo os guerreiros
De antes quebrar que torcer.	Da ala dos namorados.

Nunca vi tanta alegria
Como há neste momento ;
Viva a Senhora D. Maria,
Viva lá o Senhor Sarmiento.

(«O Comércio de Guimarães» de 25-2-1898).

do termo, que alimentavam batalhões móveis de obedientes servidores, sempre prontos à voz das suas ordens, e afagavam multidões anónimas e trabalhadoras, para o engrossar das festanças públicas de regozijo, quando os bandos camarários as determinassem e os repiques de sinos e grazinar das charangas anunciassem aos ares a ordem de seguir o entusiasmo louco dos cortejos pomposos, pelas ruas agalanadas dêste viveiro pacato de Guimarães.

E assim foi um rôr de anos, esta festança rija de uma classe política verdadeiramente entranhada de fervor e de firmeza na confiança dos chefes, e pirracenta para os que na mó de baixo tinham de andar a monte ou a passar os seus duros trabalhos pelos catres fétidos das masmorras.

— Os dias 16 e 17 de Agôsto de 1828 foram do maior prazer e entusiasmo para os realistas de Guimarães, por estar colocado no trono o adorado e legítimo Rei D. Miguel I.

Ordenou-se uma pomposa função na igreja do Senhor dos Passos. Em frente colocou-se uma grande iluminação, representando um magnífico palácio com nove pórticos, e sôbre a cornija um varandim, no meio do qual estava um painel, contendo a figura da Providência numa nuvem, olhando para o retrato de S. M. o Sr. D. Miguel I, rodeado de imensos Génios: um oferecendo-lhe a Coroa, outro o Sctro, e os mais com festões de matizadas flores e verdes louros. O retrato sustentava Portugal numa mão, e com a outra lançava raios sôbre os inimigos do trono, que em desesperação jaziam por terra; ao lado direito estava a Fé, apontando para El-Rei, como para seu defensor, e em torno o amor da Pátria, Segurança, Liberalidade, Confiança e Justiça, com vários emblemas e quadras alegóricas.

Na noite de 16, à chegada do General da Província, tocou a música do Regimento 22, sendo enorme a concorrência de gente que acudiu a ver a iluminação, não só da vila, mas das circunvizinhanças.

O fogo do ar foi muito e mui variado, em árvores, castelos e figuras. Finalmente representou-se, em fogo artificial, na frente do palácio e em seu trono, a El-Rei o Sr. D. Miguel I, com sua guarda de archei-

ros, a cujo aparecimento retornaram as aclamações e os vivas. Recitaram-se muitos sonetos de elogio ao melhor dos Reis.

No dia 17 cantou-se uma missa na Insigne Colegiada, sendo a orquestra composta dos melhores cantores e músicos da Província, à qual assistiram a nobre Câmara, Ministros da Vila, Visconde de Azinha, General da Província, Governador Militar da Vila, Coronel de Milícias, Prelados de tôdas as Ordens Religiosas, Clero e Nobreza de ambos os sexos.

Também se cantou um *Te-Deum*, preparando-se tudo para sair uma procissão, que tôdas as Ordens, Confrarias e Irmandades da Vila deviam acompanhar. Já se achava embandeirado o Terreiro, endamascadas as janelas e juncadas as ruas, mas não pôde sair tão grandiosa procissão, por ser quasi noite quando findou o *Te-Deum* (1).

— No dia 28 de Setembro de 1828, a Confraria do Santíssimo Sacramento da freguesia de S. Miguel de Creixomil, arrabaldes de Guimarães, tendo como Juiz João de Vasconcelos Ataíde Sousa e Menezes, Cavaleiro das Ordens de Cristo e Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, e Cónego da Colegiada de Guimarães, também quis render graças ao Altíssimo, pelos múltiplos benefícios que tem concedido a êste Reino o Sr. D. Miguel. Fez-se uma festa com a maior grandeza e pompa. O Juiz, à sua custa, fêz na sua casa e quinta das Lameiras, uma iluminação com grande prospecto, com fogo do ar e repetidos morteiros.

Ao sermão assistiu o irmão do Juiz, António Cardoso de Menezes Ataíde de Sousa Vasconcelos, coronel do Regimento de Milícias de Guimarães. Saiu depois uma procissão bem ordenada com figuras do maior asseio, acompanhada por tôdas as Confrarias da freguesia e um decente baile de numerosas figuras, dançando e tocando diante do Senhor à imitação de David, e vários anjos lançando flores, na qual fazia as vezes de Juiz o sobredito coronel, acompanhado pelo destacamento.

(1) «Correio do Porto» n.º 168, de 10 de Setembro de 1828.

Terminou a função com um solene *Te-Deum*, em que oficiou o Juiz e a que assistiram todos os clérigos, sendo a música escolhida e havendo no fim três descargas dadas pelo destacamento (1).

— Os anos do Muito Augusto e Senhor D. Miguel, foram anunciados na sempre notável e antiga Vila de Guimarães por um bando solene da Câmara.

Um carro ricamente adornado, por cujos cordões tiravam os Magistrados, os Camaristas e muitas pessoas ilustres de ambas as Ordens, Clero e Nobreza, já na véspera mostrava aos povos o adorado Objecto de suas esperanças, a Efigie Augusta, olhando sôbre Portugal, que na attitude do maior prazer presidia a um Côro de Génios, que cantavam harmoniosamente o hino de seus louvores. Girândolas de fogo subiam aos ares.

Na Igreja Matriz e Colegiada de N. S. da Oliveira, houve um solene *Te-Deum*, por ter guardado os dias e inteirado os anos de El-Rei N. S. Entre a assistência das Autoridades Civis, Militares, Corporações Religiosas e Clero, a assistência do Serenissimo Príncipe Frederico de Hesse, a quem a fortuna fêz conduzir em sua viagem a esta Vila.

Dali se transportaram todos ao Campo destinado para a grande Parada, composta do Regimento de Milicias da Vila, do Corpo de Voluntários Realistas e de um destacamento do Regimento 22. A' frente da tropa colocou-se o já mencionado carro com a Real efigie, junto do qual ficaram, como que para fazer-lhe a côrte, o Príncipe sobredito, os Viscondes de Azenha e da Costa, os Magistrados, Vereadores e mais pessoas do governo da Vila.

Dada a triplice salva, levantados os vivas e feitas as devidas continências, todos acompanharam o carro até ao Paço da Câmara.

Um divertimento instrutivo e sentimental estava já disposto e prevenido pela mocidade da Vila, que se dedica aos estudos, por aqueles mesmos que já na ocasião da feliz chegada de S. Majestade, e nos faustísimos anos da Augustíssima Imperatriz Rainha N. S.,

(1) Idem n.º 206, de 24 de Outubro de 1828.

se tinham singularizado em demonstrações de júbilo, por êste e outros iguais exercícios de imaginação e génio.

O Teatro onde se executou mal podia conter em si a grandeza do Príncipe e a imensidade de pessoas da nobreza da Vila, de um e outro sexo, que em mui adornados camarotes serviam ao decôro e à pompa do espectáctulo.

Principiou por um elogio dramático — *O Amor do Rei e da Pátria* — que difficilmente o entusiasmo pôde ouvir, sem o interromper. Seguiu-se a memória e trágica representação dos trabalhos sofridos na conquista de Jerusalém pelos Cruzados, e por Guido de Luzignan seu chefe e a tragédia intitulada — *Zaira* —, em que se mostra bem quanto zela Deus a sua religião, e como pune os ultrajes e as infidelidades contra ela cometidos.

Terminou todo o espectáculo no dia seguinte, por uma farsa intitulada — *Talhado está o bocado para quem o há-de comer* —, a qual pela sua graciosidade e diversão restituiu ao seu estado os corações já por extremo affectados de entusiasmo e sensibilidade. Todo êste espectáculo foi repetido pelos mesmos actores curiosos, e com a mesma assistência no dia 10 de Novembro (4).

— Os habitantes da Vila de Guimarães, antiga, nobre, e sempre leal a seus legítimos Reis, patentearam em vivas festivos e demonstrações públicas a chegada do Sr. D. Miguel I à sua Côrte de Lisboa.

Ao romper da aurora do dia 22, os repiques dos sinos e o imenso-fogo do ar anunciaram o fausto dia do seu regozijo. A's 11 horas dirigiram-se à igreja da Insigne Colegiada de N. S. da Oliveira, S. A. o Príncipe Frederico de Hesse, a Câmara, os Magistrados, etc., para assistirem ao *Te-Deum*, que em acção de graças se cantou ao Todo-Poderoso, por haver resti-

(4) «Correio do Porto» n.º 247, de 11 de Dezembro de 1828. Não diz o cronista o nome do Teatro da vila onde tão grandes representações se desenvolveram. Existiria já o da Rua das Pretas? Ou seria em nova casa de espectáculos, que a curiosidade dos antigos monógrafos não amarrou à letra de imprensa?

tuído aos portugueses nesse dia, seu adorado e legítimo Rei. Findo este acto, houve grande parada militar, sendo levantados vivas a El-Rei e à Família Real.

Nesse dia o Corregedor António Joaquim de Carvalho deu um esplêndido jantar, que elle mesmo serviu, aos soldados do Destacamento de Milícias que estava na Vila.

Na noite de 22 deu Fortunato Cardoso de Menezes Barreto, major comandante dos Voluntários Realistas, um esplêndido chá, e baile, para o que havia convidado o Príncipe de Hesse, tôdas as Senhoras e Nobres da Vila, e dignando-se Sua Alteza assistir, foi conduzido, assim como tôda a Nobreza, à sala que lhe tinham destinado.

Servido o chá, principiou o baile, que durou até ao crepúsculo do dia 23, havendo nos intervalos do baile repetições do hino português e mil vivas a El-Rei ⁽¹⁾.

— No dia do aniversário de El-Rei D. Miguel Guimarães exultou de alegria com os seguintes e aprazíveis festejos :

Apareceu a aurora e ressoou uma salva real, que foi dada no Terreiro, propínquo à casa do coronel comandante do Batalhão de Voluntários Realistas, acompanhada de imensas girândolas de foguetes.

Todos os terreiros, ruas e pequenos bêcos se achavam cercados de bandeiras, que tremulando nos ares com as diferentes côres, formavam o aspecto mais belo possível, chegando o entusiasmo dos leais habitantes a ponto de se servirem de chales, que preparados faziam de bandeiras, e já na falta destes, aparecia nas janelas tudo que fôsse vermelho.

Ao meio-dia houve outra salva. A' tarde celebrou-se na Colegiada um *Te Deum laudamus*, em acção de graças, a que assistiu tôda a officialidade, nobreza e mais pessoas amantes de El-Rei.

Na casa do Visconde de Azenha appareceu o retrato de El-Rei, com um majestoso dossel, magnifica-

(1) «Correio do Porto» n.º 56, de 6 de Março de 1829. Este mesmo diário, no seu n.º 54, de 4 de Março, já se referia a estas festas dos dias 22 e 23 de Fevereiro.

mente ornado, onde se amontoou o povo em grande número e se conservou até muito depois da meia-noite. A's nove horas da noite principiaram os repiques nas tôrres e mostrou-se a Vila iluminada, subindo ao ar imensas girândolas de foguetes. Tôda a nobreza da Vila concorreu e se juntou na casa do Visconde de Azenha, onde se recitaram Odes Pindáricas, Sonetos e Décimas, tôdas dirigidas à Majestosa Efigie de El-Rei Nosso Senhor. Finalmente tudo se concluiu, saindo o povo dali pelas ruas, formando ordenadas alas e entoando hinos e amontoando vivas à Religião, a D. Miguel e à Senhora D. Carlota Joaquina, Nossa Imortal Imperatriz Rainha (4).

— A Câmara ordenou, desta maneira, os festejos do dia 26 de Outubro, por ocasião dos anos de El-Rei D. Miguel I:

Fêz sair um bando real no dia 24, em que foram os Juizes de todos os officios, com as suas bandeiras. Seguiam-se os Mesteres, vestidos de Côrte, montados em bons cavalos, com as bandeiras da Câmara, e a da Vila despregadas; após estes o Procurador da Câmara, ricamente vestido e montado num cavalo bem ajaezado. Acompanhava o bando uma guarda de Voluntários e uma excelente música. Ordenava o bando aos habitantes que iluminassem suas casas por três noites e que no dia 26 (de Grande Gala) haveria *Te-Deum* na Colegiada.

Findo o *Te-Deum*, a que assistiram as Autoridades Civis e Militares, Clero, Nobreza e Povo, todos se dirigiram ao Toural, para assistir à parada dos Voluntários e Destacamento de Infantaria 12.

A's 2 horas da tarde, tôdas estas fôrças representativas acompanharam um carro triunfal, que saiu da Câmara, em que se representava o *Monte Parnaso*, e sôbre o cume o *Templo da Imortalidade*, no qual ia colocado o retrato do idolatrado Rei. Pelo monte desciam as nove Musas, cantando o hino real, que uma bem concertada música acompanhava em roda do carro, e era correspondido por dezasseis camponeses, que

(4) Idem n.º 170, de 21 de Julho de 1829.

iam no carro, e que no fim do hino executavam um lindo baile.

O carro era tirado por dous cordões, a que deitavam a mão tôdas as Corporações Religiosas, Clero, Nobreza e Povo. Acompanhavam o mesmo carro a Câmara e as Autoridades Cíveis com suas alçadas; seguia-se-lhes o Batalhão dos Voluntários Realistas e do Destacamento.

Na fôrça do maior júbilo, quando o carro ia em meio do giro, quebrou uma das rodas, pelo que se desceram as figuras que nêle iam. Desceu, portanto, *Apolo*, acompanhado das Musas, conduzindo o retrato de El-Rei, que foi tirado do *Templo da Imortalidade*, e o entregaram aos Desembargadores, Corregedor e Provedor, que o conduziram pelas restantes ruas e praças da Vila, acompanhando o retrato tôda a comitiva, como em antes da quebra do carro, até que já de noite se recolheu à casa da Câmara. Iluminada a Vila, continuaram a cantoria, o baile e a música, por tôdas as praças e ruas até ao dia seguinte ⁽¹⁾.

— Ontem foi o aniversário da Rainha festejado nesta Vila com o mais vivo entusiasmo. Girândolas de foguetes e repiques gerais de sinos anunciaram a aurora de tão belo dia.

A Sociedade Patriótica reuniu-se no palácio do Toural, e aí em uma das salas estava o busto de S. M. debaixo do dossel, cercado de luzes e de flores. Todos os sócios se reuniram, assim como muitos convidados. Serviu-se um muito decente chá, licores, vinhos, doces e fiambres. Recitaram-se poesias, e na sala immediata houve vários quartetos de música, em que muito se distinguiram os sócios, os senhores Agostinho Vicente, Juiz de Direito de Fafe, João Barroso Pereira e João Varela de Azevedo, tocando um hino novo dêste compositor.

Na fachada do edificio estava uma brilhante iluminação, onde aparecia o retrato de Sua Majestade, e alternadamente tocava uma banda de música, com outra que em frente se achava, sendo esta paga por

(1) Idem n.º 277, de 23 de Novembro de 1829.

uma reunião patriótica de estudantes, que levantaram ao lado do palácio um templo, onde se via a estátua da Constituição e donde se recitaram várias peças poéticas.

A noite foi bela. Ranchos de senhoras abrilhantavam a praça e reinou o maior sossêgo e civilidade em todos os concorrentes ⁽¹⁾.

— A 3 de Fevereiro de 1835 terminaram os festejos que em Guimarães se fizeram por ocasião de ter chegado a Lisboa o príncipe Augusto, espôso da Rainha.

Houve missa cantada, sermão, *Te-Deum*, jantar aos presos e um espectáculo gratuito na Praça do Tournal, por uma companhia de cavalinhos, que se achava na vila. A' noite houve na mesma Praça o simulacro de um combate naval, entre a esquadra de D. Pedro e a de D. Miguel.

No dia 3, além dos muitos repiques e foguetes, houve *Te-Deum* na igreja de S. Pedro, ao qual assistiram tôdas as Autoridades, Câmara, Cabido, Ordens Terceiras, as principais irmandades e o clero de todo o têrmo, etc. Da mesma igreja saiu depois uma brilhante procissão.

Já Trindades, começou a sair da casa da Câmara um grande préstito, com os retratos da Rainha e do seu Real Espôso. Estes retratos iam debaixo de um pálido e eram conduzidos pelo brigadeiro barão de Vila Pouca, Juiz de Fora, etc. Chegado ao Tournal, entrou na casa que da mesma Praça tem o nome, a qual estava brilhantemente iluminada, e depois de colocados os retratos num trono que para êsse fim se levantou, foi servido um magnífico chá. Recitaram-se da janela algumas poesias ⁽²⁾.

De entre muitos outros antigos festejos, realizados em datas bastante afastadas, alguns referiremos agora, dos mais curiosos e menos conhecidos, e assim para darmos uma ideia mais completa das manifestações

(1) «O Artilheiro», n.º 83, de 16 de Abril de 1836.

(2) «Vimaranense», de 9-2-1897.

públicas que durante alguns séculos imprimiram movimento e vida à alma popular e às ruelas e becos desta terra de Guimarães.

— Pelo nascimento do Príncipe D. José, celebraram-se em Guimarães grandes festejos: «Levantou-se uma fortaleza construída de madeira com a regularidade de bastiões, e parapeitos, cuja circunferência ocupava 46 palmos de terreno, e 20 de elevação, guardada com 16 peças de artilharia, 4 em cada ângulo ou baluarte. Defendiam a tórre duzentos e tantos *Turcos* primorosamente vestidos ao uso desta belicosa nação, e repartidos pelos quatro Castelos que formavam os quatro ângulos da Fortaleza. Pelas duas horas da tarde se deu princípio à expugnação da Praça, e durou o combate até às sete da noite, observando-se em todos os ataques as melhores evoluções militares, e depois de várias chamadas, falas e respostas segundo o uso da guerra, e de se avançarem os sapeiros e mineiros cobertos com mantas e munidos de mais instrumentos de expugnação, se fêz voar uma mina, que abrindo uma grande brecha obrigou os *Turcos* a renderem-se prisioneiros de guerra. Formados os cativos dous e dous no centro de quatro soldados, se deram três salvas de artilharia e mosqueteria, e um viva militar repetindo o augusto nome de Sua Majestade e do Serenissimo Príncipe nascido. Acabada a acção que se executou sem o menor desastre, marcharam as tropas vitoriosas com os prisioneiros para o largo da Igreja de N. S. da Oliveira a dar graças ao Senhor dos Exércitos pelo feliz nascimento de S. Alteza, etc.» (1).

— Em 6-5-1795 o Cabido e a Câmara fizeram um tríduo e procissão no fim, pelo nascimento do príncipe da Beira, em que gastaram 519⁰⁰890 rs., sendo: música (37 músicos), 186⁰⁰200 rs.; cera, 23⁰⁰620 rs.; propinas ao M.^e das Cerimónias e sub-chantre e credenciário e turiferários e P.^e assistente ao Lausperene e coreiros, 5⁰⁰600 rs.; répiques e criado da sacris-

(1) Vem esta nota a pág. 491 e 492 da *História da Poesia Popular Portuguesa*, de Teófilo Braga, que a copiou da «Gazeta» de 6 de Outubro de 1761.

tia, 97920 rs.; armação, 2227550 rs.; três sermões, 727000 reis. Houve duas figuras pelo menos e a armação devia ser deslumbrante (1).

— Determinação do Senado a respeito do festejo que se mandou fazer ao Aplauso da Princesa da Beira, em virtude da carta de S. Majestade :

«Logo que se abriu a carta do aviso de S. A. o Príncipe N. S., em que se participava a notícia do feliz nascimento da Princesa da Beira, se mandaram fazer repiques na Igreja da Real Colegiada, casa da Câmara, e o mesmo se praticou nas mais igrejas e conventos desta vila. No dia seguinte e nos mais sucessivos, o mesmo. No dia três se mandou lançar bando e pregão a toque de caixas pelas ruas públicas, para que tôda a pessoa, de qualquer qualidade e condição que fôsse, pusesse luminárias por três noites, como assim se praticou. E no fim dos três dias se mandou botar segundo bando para se pôr luminárias por ser o dia em que se efectuou o baptismo da nossa princesa, em todos os referidos dias assim o observaram, e o senado da Câmara iluminando a casa dela com grande ostentação e luzimento e com orquestra de música. No dia cinco dêste mês de Maio saíram muitos curiosos tanto seculares como eclesiásticos, com grande contentamento, todos em carrinhos, e no fim um coche fazendo a figura do senado, vestidos de côrte, e os mais servindo de Apolo e Musas cantando pelas ruas com instrumental, muitos vieram..... assim a casa do senado, buscar a bandeira e com ela tornaram ao

(1) Efeméride de J. Lopes de Faria.

— Esqueceu-nos dizer no capítulo *As representações nos sobrados públicos* e referir no seu lugar respectivo, que D. João de Menezes, Arcebispo de Braga, já em 4 de Dezembro de 1584, em visita à parochial de S. Paio, ordenava : «O cura não consentirá nesta igreja nem no adro dela fazerem-se representações de autos, farsas ou comédias sem nossa provisão sob pena de suspensão de suas ordens se evitará da igreja aos officios divinos a quaisquer seus fregueses que fizerem representações de autos, ditos ou comédias sem serem aprovadas pelo Santo Officio ou por nós até lhe constar que pareceram perante nós os pagarão dez cruzados de pena e que por esta havemos por condenados quaisquer pessoas que fizerem as ditas representações ou a elas derem ajudas e favor sem primeiro serem aprovadas como dito é».

Toural levantar o mastro das festas. No dia dezassete do mesmo determinou o Cabido fazer na sua igreja a seu festejo, com o Sacramento Exposto, tôda ornado e um grande côro de música e *Te Deum laudamus*; nos dous dias seguintes para completar os três do tríduo se fizeram por conta do senado; o mesmo festejo e com a dita ostentação, com dois sermões, sendo orador um grande mestre graciano que mandaram buscar ao convento do Pópulo de Braga, saíndo como saíu, no último dia uma grande procissão de Passos com vinte e tantas figuras ⁽¹⁾ de cavalo e outras de pé, adereçadas e vestidas a todo o custo como nunca se fêz nesta vila, acompanhando esta Nossa S.^a da Oliveira e atrás o senado e nobreza da terra e cabido; depois d'isto se seguiram nos mais dias alguns bailes que deram os officios mecânicos, máscaras e oito dias de touros e uma grande contradança, com que se finaram as festas» ⁽²⁾.

— Sessão de 11-7-1798: «Outro-sim determinaram, que como esperamos de ter a honra de receber nesta vila o nosso Augusto Príncipe e Senhor, visto que vem a esta Província, segundo as ordens já dadas, assistir ao acampamento de Gilmonte, e sendo preciso prevenir com tempo a sua recepção, se imponha aos homens de negócio de lãs e sedas a obrigação e despesa de toldar as ruas desde a Porta da Vila até à Colegiada, e as mais que se lhes apontarem. Aos ourives se incumbem aprontarem o fogo de artifício para a noite em que S. Alteza houver de pernoitar nesta vila. Que se distribuam pelos moradores ricos desta vila e têrmo trezentas camas, a saber: duzentas asseadas e cem ordinárias. E também que, com tempo competente, se faça público com pregão a todos os moradores das ruas por onde S. Alteza houver de passar, para que hajam de ornar as fronteiras das suas casas com o asseio

(1) O fogo para as três noites foi fornecido pelos ourives, em que gastaram 150\$000 réis, e as figuras da procissão pelos negociantes.

— Em sessão de Câmara de 2-5-1662 fôra nomeado para fazer as *folias da Câmara* Bento Ferreira, da Cruz da Pedra, por ser a melhor *companhia* que havia na terra, assim de vezes como em figuras. — (*Livro das Vereações n.º 11, fôlhas 247*).

(2) *Livro das Vereações, de 1788 a 1794, a fôlhas 165.*

que lhes fôr possível e decente a tão Augusta função, e que da mesma forma se fizesse público para que os mesmos moradores sem excepção de pessoa iluminem as suas casas em tôdas as noites em que se achar nela o mesmo Augusto Príncipe, e que para êsse fim se açambarque todo o cebo existente nos carneiros para que se não extraia para fora» (1).

Para completar um tanto êste capítulo, vêr o que já dissemos no primeiro opúsculo das *Curiosidades de Guimarães* na parte intitulada — Festas — que vai de páginas 51 a 61 e o vol. I «Guimarães» do P.^o Caldas, de páginas 314 a 336.

Dramaturgos e Comediógrafos:

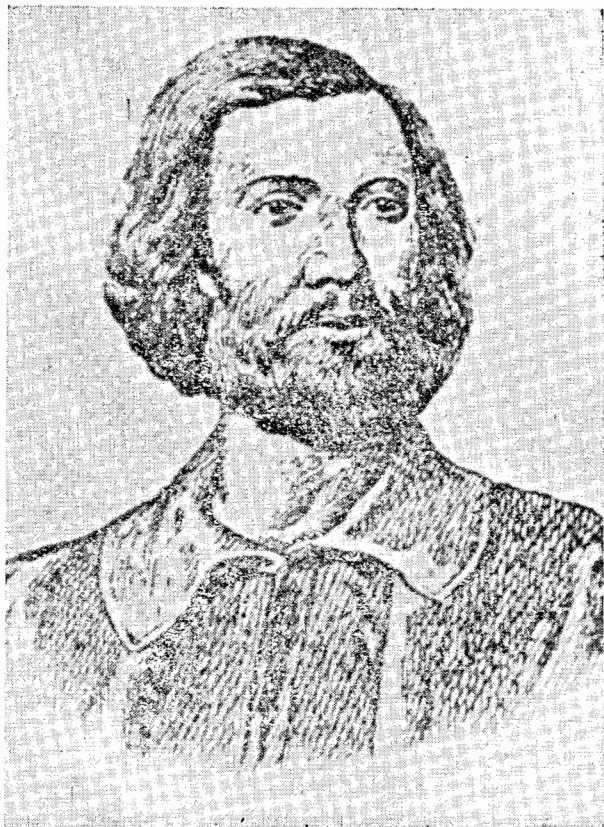
GIL VICENTE — Filho de Gil Fernandes e Joana Vicente, nasceu em Guimarães, no seio duma família proletária.

O índice cronológico das suas principais obras, segundo os melhores biógrafos do célebre Criador do teatro português, é:

A Visitação, ou *Monólogo do Vaqueiro* (1502); *Auto pastoril Castelhana* (1502); *Auto dos Reis Magos* (1503); *Auto da Sibila Cassandra* (1503 ou 1513?); *Auto de S. Martinho* (1504); *Farsa do Escudeiro* ou *Quem tem farelos?* (1505); *Auto dos Quatro Tempos* (1505 ou 1516?); *Sermão, em verso* (1506); *Auto da Alma* (1508 ou 1518?); *Auto da India* (1509); *Auto da Fé* (1510); *Auto da Fama* (1510 ou 1515?); *Auto do Velho da Horta* (1512); *Exortação da Guerra* (1513); *Comédia do Viúvo* (1514); *Auto das Fadas* (1516?); *Auto da Barca do Inferno* (1517); *Auto da Barca do Purgatório* (1518); *Farsa dos Físicos* (1519 ou 1520?); *Auto da Barca da Glória* (1519); *Tragicomédia das Côrtes de Júpiter* (1521); *Farsa das Ciganas* (1521 ou 1525?); *Comédia de Rubena* (1521); *Auto Pastoril Português* (1523); *Farsa de Inês Pereira* (1523); *Farsa do Juiz da Beira* (1525); *Frágua do*

(1) *Idem*, de 1794 a 1799, a fôlhas 130.

Amor (1525); *Templo de Apolo* (1526); *Farsa dos Almocreves* (1526 ou 1527?); *Farsa do Clérigo da Beira* (1526 ou 1528?); *Breve Sumário da História de Deus* (1526, 1527 ou 1528?); *Diálogo sobre a Res-*



Gil Vicente

surreição (1527); *Comédia sobre a Divisa de Coimbra* (1527); *Tragicomédia da Serra da Estréla* (1527); *Tragicomédia Nau de Amores* (1527); *Auto da Feira* (1527 ou 1528?); *Triunfo do Inverno* (1529 ou 1530?); *Auto da Lusitânia* (1531 ou 1532?); *Romagem de Agradados* (1532 ou 1533?); *Tragicomédia de Dom Duar-*

dos (1533 ou 1525?); *Amadis de Gaula* (1533); *Auto de Mofina Mendes* (1534); *Auto da Cananeia* (1534); *Auto da Festa* (1515, 1525 ou 1535?)⁽¹⁾; *Floresta de Enganos* (1536); *A Caça dos Segredos* (perdida).

FRANCISCO VAZ — Natural da vila de Guimarães, presbítero pio e devoto, como manifesta a obra seguinte que publicou: *Obra da muito dolorosa morte, e paixão de N. S. Jesu Christo conforme a escrepem os quatro Santos Evangelistas*.

São estas as indicações que nos dá a «Biblioteca Lusitana», de Diogo Barbosa Machado, t. II, pág. 281.

Este escritor indica as seguintes edições do Auto: Évora, por Manuel de Lira, em 1593; Braga, por Frutuoso de Basto, em 1613; Évora, por Francisco Simões; Lisboa, por António Alvres, em 1617 e 1639; e Lisboa, por Domingos Carneiro, em 1659.

Teófilo Braga diz que o seu *Auto da Paixão* foi impresso em Lisboa por Vicente Alvares, ou em Braga por Frutuoso de Basto, ambos no ano de 1513, ou em Évora por Francisco Simões, sem ano. O mesmo Auto foi impresso em Lisboa por António Alvares, no ano de 1617⁽²⁾.

Inocência, esclarece mais: As datas do seu nascimento e óbito, com o mais que lhe diz respeito, são circunstâncias hoje desconhecidas, e que escaparam às indicações de Barbosa.

Inocência é porém o único que fixa a primeira edição em 1559, e chama-lhe *curioso e extraordinário auto*⁽³⁾.

Nenhum destes escritores referiu todavia uma edição feita em Lisboa, na oficina de Francisco Borges

(1) «O iniciador do nosso Teatro apresentou as suas sentidas homenagens na tragicomédia *Templo de Apolo* à Infanta D. Isabel, filha do rei D. Manuel, quando em 1526, partiu para casar com o Imperador, Carlos V. Uma scena desta peça encontra-se também no *Auto da Festa* — 1515? 1525? 1535?». — (*Gil Vicente — Obras Completas* (1933), anotadas por Marques Braga, vol. I, pág. xxi).

(2) *História do Teatro Português — séculos XVI e XVII*, por Teófilo Braga, pág. 202.

(3) *Dicionário Bibliográfico*, por Inocência, vol. III, pág. 75.

de Sousa, em 1761, de que possui a biblioteca da Sociedade Martins Sarmento um exemplar valioso e regularmente conservado, oferecido por A. F. Aguiar e Irmãos.

São 40 páginas, incluindo a primeira, que é o rosto, e a última, que tem impressas tôdas as licenças do Santo Offício.

Fora a gravura do rosto, tem mais 19, muito curiosas, espalhadas pelo texto, todo êle em verso.

Fizeram-se muitas edições do *Auto da Paixão* de Francisco Vaz.

Na Sociedade Martins Sarmento existiu uma outra edição de 1659, oferta do Dr. Pereira Caldas, como se vê da inscrição do verbete: *Obra novamente feita da muyto dolorosa morte & paixam de Nosso Senhor Jesu Christo, etc.*

Há muitos anos que esta edição desapareceu.

«Pelos dotes poéticos do sincero presbítero secular de Guimarães é que o seu Auto mereceu ser conhecido no Oriente, tendo sido traduzido na língua Concani» (1).

MANUEL TOMÁS — Nasceu em 1585 e faleceu em 1665. Natural da Vila de Guimarães, filho do Doutor Luís Gômes de Medeiros, professor de Medicina, e de sua mulher Grácia Vaz Barbosa, pela qual era primo do célebre Jurisconsulto Agostinho Barbosa.

Na florente idade da adolescência experimentou tão propícias as musas ao seu entusiasmo que não excedendo de 17 anos compôs um poema (2).

As suas composições dramáticas ficaram manuscritas, e por assim dizer perdidas. Eram: *Quatro Autos Sacramentais, Cinco Comédias, Várias Loas, Glosas, Vilhancicos, Enigmas, Canções e Romances.*

Na Ilha da Madeira, onde vivera a maior parte da vida, foi assassinado aos 80 anos de idade.

(1) *Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro Nacional*, por Teófilo Braga, pág. 337.

(2) *Biblioteca Lusitana*, por Barbosa Machado, vol. III, pág. 395.

ANTÓNIO DE VILAS BOAS E SAMPAIO — Filho primogénito de Diogo de Vilas Boas Caminha, e não Queimado, como escreveu o P. D. António Caetano de Sousa no Apparat. à Hist. Genal. da Casa Real



Manuel Tomás

De uma gravura antiga — Coleção da Soc. Martins Sarmento.
(O vol. *O Phoenix da Lusitânia*, de Manuel Tomás, impresso em Ruão em 1649, traz no frontispício igual gravura).

Port., e de D. Ana de Carvalho e Sampaio. Nasceu a 27 de Agosto de 1629 na Quinta de Fareja, têrmo da Vila de Guimarães.

Para celebrar o monte de Airó, que está vizinho ao solar de Vilas-Boas, de cujo sitio gostava sumamente

por ser muito ameno, compôs e imprimiu com o suposto nome de João Martins o *Auto da Lavradeira de Airó* — Coimbra, por José Ferreira, em 1678 (1).

Barbosa Machado dedica-lhe uma extensa biografia.

Inocência também se lhe refere, mas não afirma, como Barbosa Machado, que tivesse nascido no termo de Guimarães: «Bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra. Nasceu no termo de Guimarães, segundo uns, ou no de Barcelos, como outros dizem, a 27 de Agosto de 1629 e morreu em Barcelos, a 26 de Novembro de 1701» (2).

Teófilo Braga chama-lhe António de Sampaio Vilas-Boas, genealogista, e diz ter nascido em Guimarães, na quinta de Fareja, escrevendo o *Auto da Lavradeira de Airó* (3).

A biblioteca da Soc. Martins Sarmiento possui um exemplar deste Auto, da edição feita na Imprensa da Universidade de Coimbra em 1841.

AMARO JOSÉ DE PASSOS OU AMARO JOSÉ DE PASSOS LEITE — Supomos que este nome ilustre, abade de S. Faustino e Secretário da Academia Vimaranesa, seja um dilecto filho de Guimarães.

Os monógrafos não se lhe referem e as Bibliografias nada d'ele nos dizem. Escreveu, porém, uma *Loa*, em Fevereiro de 1728, para ser representada numa festa de aplauso, no palacete de Tadeu Luís António Lopes, no Largo da Misericórdia (4).

JOSÉ ANTÓNIO CARDOSO DE CASTRO — Nascido pelos anos de 1741. Seguiu o curso de Direito da

(1) *Idem, idem*, vol. I, pág. 427.

(2) *Dicionário Bibliográfico*, por Inocência, vol. I, pág. 294. P.º Caldas, no *Guimarães*, vol. I, pág. 219, diz: Nasceu na freguesia de Fareja. Assim consta dos livros dos baptismos, casamentos e óbitos de S. Martinho de Fareja, a folhas 21, 121 e 4 verso, hoje arquivados no seminário de S. Pedro e S. Paulo, em Braga, no cartório dos livros findos.

(3) *História do Teatro Português — séculos XVI e XVII*, por Teófilo Braga, pág. 220. Ver também deste autor: *Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro Nacional*, pág. 455.

(4) Ver o que já escrevemos a páginas 240 e 241 do vol. anterior desta Revista.

Universidade de Coimbra, formando-se na Faculdade de Leis. Preferiu, porém, a vida comercial à carreira da magistratura. Estabeleceu-se em Inglaterra.

Publicou: *A Noiva de Luto* — tragédia de Congreve, traduzida em verso português — Lisboa, na Of. de Francisco Luís Ameno, 1783 (1).

JOÃO MACHADO PINHEIRO CORREIA DE MELO (VISCONDE DE PINDELA) — Nasceu a 8 de Janeiro de 1824 e faleceu a 9 de Maio de 1891. Fidalgo cavaleiro da Casa Real, Conselheiro, Comendador da Ordem de N. S.^a da Conceição de Vila Viçosa, etc.

Publicou: *Uma Vingança* (drama em 4 actos), Pôrto, 1855. Inocência diz que a edição é de 1854 (2).

(1) *Dicionário Bibliográfico*, por Inocência, vol. IV, pág. 237.

(2) Foi representada a primeira vez na noite de 14 de Abril de 1850 por estudantes actores. O «Periodico dos Pobres no Porto», de 22 de Abril de 1850, traz uma larga apreciação daquela peça e do seu desempenho, da qual transcrevemos o mais importante:

O drama, composto por João M. Pinheiro Correia de Melo, é superior a todo o elogio e todo êle abunda em belezas que desejaríamos tocar uma por uma.

Todos tributaram ao autor os merecidos louvores, recitaram-se duas poesias em sua glória e a Comissão do teatro ofereceu-lhe um livro com um tinteiro em cima, tudo feito de linha pelas delicadas mãos da Sr.^a D. Joaquina Carolina de Santa Rosa de Lima e Almeida, religiosa professa do Convento das Freiras Dominicanas desta Vila, de quem as obras dêste género são bem conhecidas em todo o Reino.

E recitou-se:

Ouve palmas, que palmas retumbam ;
olha os louros, que a glória te dá ;
vai colhê-los, cantor, que mais louros
ainda a glória, o porvir te dará.

Oh ! não canse teu grande talento !
Olha àvante, cantor divinal !
Oh ! não pares ; que estreia tão bela,
vai teu nome tornar imortal.

Este espectáculo, embora o cronista o não diga, devia ter-se realizado no Teatro de S. Francisco, que era o que existia naquela época.

Neste mesmo teatro devia ter lugar a festa que o aludido «Periodico dos Pobres no Porto» descreve no seu n.º de 17 de Dezembro de 1850: — «Teatro de Guimarães. Na noite de 15, em beneficio das Freiras Capuchinhas da Madre-de-Deus daquela

ANTÓNIO JOAQUIM DE OLIVEIRA CARDOSO — Nasceu a 12 de Janeiro de 1809 e faleceu em 1885. Bacharel formado em Cânones, cónego prebendado da Colegiada, jurisconsulto muito notável e Cavaleiro da Ordem de Sant'Iago da Espada.

Deixou manuscritas as seguintes peças: *D. Nuno em Neiva* (5 actos em verso heróico); *D. Maria Teles* (tragédia em 4 actos); *A Virgem do Campo* (6 actos); *Egas Moniz* (6 actos); *A Pena de Morte* (drama em 1 prólogo e 5 actos); *Lágrimas e Risos* (4 actos); *A Cruz do Outeiro* (2 actos); *A Sedução Malograda* (drama-comédia em 2 actos); *Candidato a Deputado*.

O drama *A Virgem do Campo* foi representado a primeira vez em 1859. Antes não foi levada à scena nenhuma outra produção do autor (1).

VALENTIM BRANDÃO MOREIRA DE SÁ JÚNIOR OU VALENTIM MOREIRA DE SÁ E MENEZES — Publicou: *Sombras e Luz* (drama em 3 actos), Braga, 1863; *Ultimo Acto* (drama em 1 acto); *A Virgem do Campo* (drama em 1 prólogo, 3 actos e 1 quadro), Petropolis, 1868.

Vila, representaram os sargentos de Caçadores 7 o drama intitulado — *A Escrava de Segismundo*. — O teatro estava elegantemente adornado de caças pintadas, flores e festões de murta. Os camarotes foram todos alugados e estavam quasi todos cheios, bem como a plateia. Todos os actores andaram muito bem. A música, que era a do Batalhão, fêz recordar as belas noites que nos teatros de Lisboa e Pôrto se passam quando têm boas companhias italianas. Terminou o benefício com uma farça. Foi principal ensaiador o Sr. João Machado Pinheiro, a quem se deve o bom desempenho de tôda a ópera.»

(1) Informações e notas do Abade de Tágilde — «Rev. de Guimarães», vol. XIX, págs. 97 e 98. Na sua lista não figura a peça *Candidato a Deputado*, que descobrimos num anúncio dos jornais da época.

Convém dizer que o autor António Joaquim de Oliveira Cardoso foi um dos mais representados em Guimarães. Tôdas as suas peças, quando iam à scena, eram freneticamente applaudidas.

Segundo P.º Caldas, *Guimarães*, tómo I, pág. 215, todos os dramas d'este autor ficaram manuscritos.

O drama que Abade de Tágilde, na «Rev. de Guimarães», vol. XIX, pág. 97, apelida de *D. Maria Teles*, aparece em P.º Caldas intitulado *Maria Pais*. Como foram inéditos que desapareceram, difficilmente agora se poderá destrinçar o engano.

JOSÉ DE FREITAS COSTA — Escreveu: *Por Causa de um Ensaio* (comédia em 1 acto), Pôrto, 1866; *Quem tem capa sempre escapa* (provérbio em 1 acto), Pôrto, 1871; *Nobreza, Clero e Povo* (comédia, manuscrita); *A bom entendedor meia palavra basta* (comédia, também manuscrita); *A Ceia dos Cónegos* (paródia à «Ceia dos Cardeais», de Júlio Dantas). Foi publicada em folhetins no «Independente», em Setembro de 1902.

ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA CALDAS e NICOLAU MAXIMO FELGUEIRAS — Escreveram: *Sauidade — Episódios dum Reinado* (drama em 4 actos), Pôrto, 1870. Esta peça foi representada a primeira vez em 11-3-1869 no Teatro de D. Afonso Henriques.

JOÃO LUÍS GOMES GUIMARÃES — Escreveu: *D. Afonso Henriques* (drama em 6 actos), Pôrto, 1876.

BERNARDO PINHEIRO CORREIA DE MELO (CONDE DE ARNOSO) — Nasceu a 27 de Maio de 1855 e faleceu no solar de Pindela, em Famalicão, a 21 de Maio de 1911. Fidalgo da Casa Real, capitão do Estado Maior de Engenharia, Cavaleiro da Ordem de N. S.^a da Conceição, Comendador de Isabel a Católica, de Espanha, Cavaleiro da Ordem de S. Mauricio e S. Lázaro, de Itália, condecorado com a Gran-Cruz de Carlos III, de Santa Ana, da Rússia, de Vitória, da Inglaterra, Grande Oficial da Coroa da Prússia, etc., etc. ⁽¹⁾. Foi um dos vimaranenses mais ilustres e escritor de merecida fama.

Escreveu: *Suave Milagre* (mistério em 4 actos e 6 quadros), Lisboa, 1902. Esta peça foi escrita de colaboração com o distinto escritor Alberto de Oliveira, e é baseada num conto de Eça de Queiroz. Foi representada a primeira vez no Teatro de D. Maria, em 28 de Dezembro de 1901. *A Primeira Nuvem* (comédia em 1 acto), Lisboa, 1902. Esta peça foi representada no Teatro de D. Amélia, em Maio de 1902.

⁽¹⁾ Ver a extensa e honrosa biografia no vol. I do *Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, etc.*, de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues.

P.^o GASPAR DA COSTA RORIZ — Nasceu em 1865 e faleceu a 7 de Março de 1932.

Escreveu: *O Sonho de um Operário* (comédia-drama em 3 actos, manuscrita). Foi representada a primeira vez em Maio de 1905 pelo «Grupo Dramático Gil Vicente», no Círculo Católico, e depois no Teatro de D. Afonso Henriques. *Os Dois Marçanos* (comédia-drama em 3 actos). Foi publicada em folhetim n.º «O Regenerador», em 1910, e depois publicada em opúsculo. Representada diversas vezes no Teatro de D. Afonso Henriques e em várias terras do país. *Apologia* (scena em verso, manuscrita). Tem a data de 1910. *Sabatina* (diálogo). Ficou manuscrita, e tem a data de 1910. *Bouquet Ideal* (scena infantil, em verso). Foi desempenhada por alunas do Colégio de S. Francisco, em 6-1-1909, e publicada n.º «O Regenerador» de 8-1-1909. *Concurso* (scena infantil, em verso). Representada em 1910 na festa das Escolas de S. Francisco, em 1917 e em 1936. Foi publicada em folhetim n.º «O Regenerador» de 28-1-1910. *O Herói Minhoto* (episódio dramático em 2 actos). Representado no dia 10 de Abril de 1922 no Teatro de D. Afonso Henriques pelos sargentos de Infantaria 20, em benefício dos Orfãos da Grande Guerra. Manuscrito. Esta peça foi à scena diversas vezes. *De Aeroplano* (comédia em 2 actos). Foi representada em 1923. Manuscrita. *Auto da Saúde* (episódio em verso). Representado no Teatro de D. Afonso Henriques em 8-12-1920, e publicado em 1924. *Uma Mensagem ao Santo Pai* (diálogo em verso). Tem a data de 1924. *As Mães* (drama em 2 actos). *Voltas que o Mundo dá* (comédia-drama em 3 actos). *A Presa* (opereta em 2 actos). *As Conspiradoras* (comédia em 1 acto). *Coração de Criança* (diálogo em verso). *Conto do Vigário* (comédia). *A Margarida* (drama em 2 actos). *Os dois Caixeiros* (peça incompleta). Estas últimas oito peças estão manuscritas (1).

(1) Tôdas as peças do P.^o Gaspar Roriz são moldadas ao gôsto da velha escola declamatória. Como têm um fundo de moralidade e se alçam em bases educativas, mesmo porque todos aqueles diálogos foram expressamente escritos para os colégios de meninas de Guimarães, algumas das peças as repre-

Traduzira (do *Orphée aux enfers*): *Um Rapto Infernal*, opereta em 3 actos e 4 quadros. Foi representada a primeira vez no Salão Artístico em 14 de Dezembro de 1890 (1).

EDUARDO D'ALMEIDA — Publicou: *O Marido* (peça em 1 acto), Guimarães, 1918. Foi representada diversas vezes pelo Orfeão de Guimarães.

ALFREDO GUIMARÃES — Publicou: *Páscoa Florida* (peça em 1 acto), Lisboa, 1915. *Ilusão* (1 acto em verso). Foi publicada na «Ilustração Portuguesa», em 1910. Estas duas peças foram representadas em Lisboa, no Teatro Nacional.

ANTÓNIO LOPES DE CARVALHO — Escreveu: *Rebate Falso* (comédia-drama em 1 acto e 1 quadro). Representada no Teatro de D. Afonso Henriques. Foi publicada em folhetins n.º «A Alvorada», saindo depois em separata em 1912. *A' Procura de uma Voz* (comédia em 1 acto, manuscrita). Representada no Teatro de D. Afonso Henriques pelo Orfeão da Póvoa de Varzim. *Mulheres para a Guerra* (comédia em 2 actos, manuscrita). Representada em 1935 na Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda, pelos alunos daquele estabelecimento de ensino. *Auto das Flores* (teatro infantil; 1 acto em verso; peça musicada), Lisboa, 1932. Foi representada em Guimarães, e por muitas terras do país se vai representando ainda.

Em preparação tem o *Auto do Tempo* (teatro infantil; 1 acto em verso; peça musicada).

DELFIN DE GUIMARÃES — Escreveu: *Sol da nossa Terra* (1 acto em verso), Gaia, 1932; *5 de Outubro* (1 acto em verso); *O Próprio Filho* (1 acto em prosa); *Feras à Solta* (tragédia rústica; 2 actos em prosa). Estas três peças teatrais estão manuscritas e foram representadas em diversos palcos.

sentaram, com geral agrado, diversos grupos de curiosos desta terra. Estes manuscritos encontram-se cuidadosamente arquivados na biblioteca dos Empregados do Comércio de Guimarães.

(1) «Religião e Pátria», de 17-12-1890.

FRANCISCO MARTINS DA COSTA ALDÃO — Publicou: *Dalila* (peça em 3 actos), Braga, 1934.

ALFREDO DE MATOS CHAVES — Escreveu: *Pitorescos* (4 actos em verso — Récita do Curso de Medicina — 1907); *Duas Relíquias* (1 acto em verso); *O Pagem* (drama em 3 actos, em prosa); *O Filho do Visconde* (comédia em 2 actos, em prosa); *As Bombas do Papá* (comédia em 2 actos, também em prosa); *O Dominó da Viscondessa* (1 acto em verso).

Traduziu: *Um Par de Oculos* (comédia em 3 actos, traduzida do inglês); *Numa Sala de Espera de Primeira Classe* (peça em 1 acto, do alemão Hugo Müller); *O Ladrão Mestre* (peça em 1 acto, do alemão Max Mar); *O Elefante* (peça em 3 actos, do alemão Gustav von Moser); *O Tio Grog* (peça em 3 actos, do mesmo autor); *Um Banho do Alto* (peça em 1 acto, do alemão Fritz Lunzer); *Quien me recuerda usted?* (peça em 1 acto, dos Irmãos Quintero).

Adaptou: *João Afonso* (peça em 5 actos, do romance «Guerreiro e Monge», de Campos Júnior).

Estas peças, tôdas manuscritas, foram várias vezes representadas em diversos palcos do nosso país.

JOSÉ ACÁCIO PINTO RODRIGUES — Escreveu, de colaboração com Luís Vaz de Sousa Ary dos Santos, a revista em 2 actos *Revista de Legislação e Jurisdição*. Foi representada no Teatro de S. Carlos, de Lisboa, em 3 de Abril de 1925. Manuscrita.

LUÍS FILIPE COELHO — Escreveu: *Os Dois Patrões* (prólogo cómico, manuscrito). Foi representado no Teatro-Cine de Fafe, em 1932. *Ultimo Lásaro* (peça em 2 actos e 1 entreacto, manuscrita). Foi representada no Teatro Gil Vicente em 10 de Julho de 1933.

ARTUR FERNANDES DE FREITAS — Escreveu: *Noémia* (peça em 1 acto, manuscrita). Foi representada pelo grupo scénico da Juventude Católica.

JOÃO XAVIER DE CARVALHO — Escreveu: *Juramento de Amor* (opereta de costumes regionais); *A Pátria* (drama em 1 acto); *Helena* (peça em 2 actos, musi-

cada); *Casa de Doidas* (comédia em 1 acto); *O Grilo Caloteiro* (comédia em 1 acto); *O Pedido de Casamento* (comédia em 1 acto); *Olha a Beiça!* (revista representada pela Companhia de Rafael de Oliveira, no Teatro Gil Vicente).

Tôdas estas peças estão manuscritas, e diversas vezes foram representadas no Gil Vicente, Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia e Creche de S. Francisco, pelos grupos: «Juventude Operária Feminina», «Grupo Scénico Mocidade Alegre» e «Grupo Dramático Vimaranesense» (1).

Dizem-nos que Manuel António de Almeida escreveu uma opereta, *O Chapéu de Três Bicos*, musicada pelo inspirado compositor e pianista italiano Guiseppe

(1) Podíamos juntar àquela lista mais dois nomes: António de Carvalho Cirne e Ismael Alves da Costa. Não são vimaranenses, mas são dois filhos adoptivos desta terra. Consideraram-na mesmo, em pública manifestação, e em actos de simpatia e de serviços a ela prestados, como terra adoptiva.

António de Carvalho Cirne, casou com uma ilustre dama desta cidade; aqui viveu sempre, aqui criou e educou os seus filhos, aqui deitou as raízes do seu affecto à família e aos amigos, vivendo no achêgo da alta sociedade e colaborando freqüentemente nos periódicos da terra. Temperamento desempoeirado, as suas conversas são alegres e as peças que escreveu e aqui fêz representar, firmam claramente a nota espontânea do seu gargalhado humorismo. Escreveu: *Os Fidalgos de Miranda* (comédia em 5 actos). Foi representada em Guimarães no T. D. A. H. em 8-3-1906 e publicada em opúsculo neste mesmo ano. *Rei Chegou* (comédia em 4 actos, extraída da «Brasileira de Prazins», de Camilo Castelo-Branco). *Ventura Perdida* (drama em 5 actos). *Comédia Triste* (peça em 3 actos). Foi representada em Guimarães em Fevereiro de 1909 no T. D. A. H. *O Defunto Vivo* (comédia em 3 actos). *Tristes Amores* (drama em 4 actos). *A Guerra de Tróia* (opereta em 4 actos). *Aventuras de um Comendador* (comédia em 1 acto). Foi representada no dia 1 de Dezembro de 1908 no Teatro de D. Afonso Henriques. Tôdas estas peças, à excepção de *Os Fidalgos de Miranda*, estão manuscritas.

Ismael Alves da Costa para esta terra veio pequenino, e aqui se criou e educou. Hoje é um colonial muito viajado. Publicou: *Os Rapazes e a Guerra* (episódio dramático em 1 acto. Adaptação de um artigo do Dr. Eduardo de Almeida). Foi representado no Cinema-Variedades, em Inhambane, em 8-6-1918, numa récita a favor da Cruz Vermelha, e publicado em Lourenço Marques no mesmo ano. !

Gessi, autor do mavioso hino da Penha e que fôra hóspede, por vezes, dêste vimaranense e do organista Domingos Ribeiro Calisto.

A opereta chegou a entrar em ensaios, mas não foi representada, por dificuldades várias do «Grupo de Amadores Vimaraneses», que projectara levá-la a scena. (Inf. de Luís Filipe Coelho).

O poeta Jerónimo Almeida, no seu último livro de versos, intitulado «Rompendo as Nuvens», diz ter em preparação uma peça de teatro — *O Cego da Colegiada* (1 acto em verso).

Igualmente o poeta Freitas Soares, no livro de versos a que deu o título «Epopéia de Toledo», diz-nos que tem a entrar no prelo uma peça em verso, intitulada — *Emigrante que regressa à Pátria* (1 acto e 4 quadros). Em preparação diz-nos ter a peça em verso — *D. Folia* (3 actos).

Casas de espectáculos:

O primeiro teatro que funcionou em Guimarães, sem se saber ao certo a sua localização, foi o dos cómicos ambulantes, no século XVII.

Em 1679 já os ambulantes espanhóis andavam por esta terra, como se vê pelo contrato notarial publicado a pág. 244-245 do vol. anterior desta Revista (1).

(1) Também esta passagem se lhes refere: «Em vereação de 20 de Maio de 1679, questionou-se sobre a conveniência ou inconveniência de se conceder licença à *companhia das comédias*, que estava na vila de Barcelos, para vir a Guimarães dar alguns espectáculos, havendo-se já dado licença a outra, que trabalhava em Viana. Era de opinião o vereador mais velho, que não convinha vir a segunda companhia, por se ter já concedido licença à primeira; e empatando os votos, chamou-se um vereador do ano antecedente, que desempatou para que viesse a de Viana, e se não concedesse licença à segunda. Causou esta resolução uma tal impressão no povo da vila, que a 24 do mesmo mês e ano, reünida a Câmara e outras pessoas da *governança*, assentou-se: *que para evitar desgostos entre as pessoas mais nobres e melhores dêste povo, que estavam inquietas pela vinda das companhias, a nenhuma delas se desse licença, caçando a já concedida, e que se dessem precatórias para os ministros de Barcelos e Viana, para que logo notificassem os actores para que não viessem a esta vila nem seu termo, nem*

Depois, muito mais tarde, em 1769, é que nos aparece a notícia de um outro *Teatro à Torre dos Cães* (S.^{ra} da Guia), na rua a que chamavam dos Trigais (1).

Passados dezóito anos, ou é reformado êste teatro-barracão ou levantada uma nova casa de espectáculos nesta mesma rua, pelo que se depreende do seguinte contrato notarial:

15-5-1787 — «Na rua dos Trigais, na estalagem chamada do Pinto, por Joaquim Ferreira de Veras, da cidade do Pôrto, foi dito que êle, com licença do Magistrado desta vila, tinha determinado mandar fazer uma casa tôda de madeira nesta rua para nela se representarem comédias; na forma de dous riscos que ficam assinados por mim tabelião e por êles partes, cuja obra a havia tomado êle Pedro António de Araújo (mestre carpinteiro morador na rua da Madroa) a êle Joaquim Ferreira de Veras, cuja casa terá dous andares de camarotes e cinco na frente da mesma casa, com três portas na fronteira, uma para a servidão da plateia e duas para a servidão dos camarotes, com os bancos e cadeiras que se puderem fazer dentro da mesma plateia..... isto em preço e quantia de 140000 réis, paga esta quantia em dous pagamentos, um no meio da factura da obra e o último no fim do primeiro mês, o qual terá princípio no dia em que se representar a primeira comédia; cuja casa existirá em ser dous meses e meio, do dia em que se representar a primeira comédia, findos os quais querendo êle Joaquim Ferreira de Veras que se continue na representação das comédias, êste

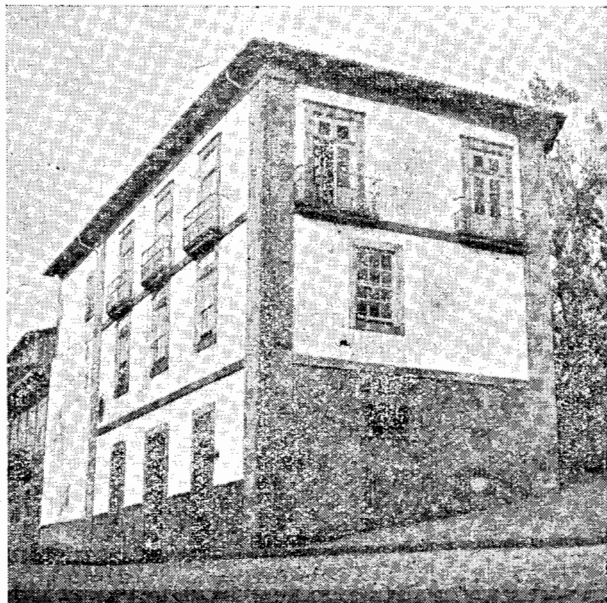
*ainda de passagem, sob pena de quinhentos cruzados e de vinte dias de cadeia.» — (P.^o Caldas, *Guimarães*, t.º I, pág. 153).*

De nada valeram tais resoluções, pois evidentemente ficou provado, pelo documento feito no tabelião Nicolau de Abreu, de 29-11-1679, que os ambulantes espanhóis aqui vieram para dar as suas representações.

(1) Ficava encostado à muralha da vila. Não passava de simples barracão, construído muito ligeiramente de tabique, mas onde, ainda assim, os estudantes de Guimarães, pelos anos de 1769, realizaram concorridíssimos espectáculos de benefício. — (*Idem*, *idem*, pág. 152).

de aluguer pagará ao mestre carpinteiro por cada um mês cinco moedas de ouro» (1).

Em 1796 surge o *Teatro Tojeira*, no qual se representaram vários dramas e tragédias, entre os quais figurou a famigerada «Inês de Castro». Funcionou na



Casa onde funcionou o Teatro Tojeira

casa chamada da Tojeira, que fica na rua do Conde D. Henrique, n.º 4. P.º Caldas não nos dá a data da sua inauguração, antes diz ser quasi contemporâneo do da Torre dos Cães, o que não é bem assim, pois separa-os 27 anos.

Depois, em 1819, temos a *Casa da Ópera*, a que o P.º Caldas não pôde determinar o local, mas onde os estudantes de Guimarães levaram à scena várias tragédias. Trabalharam nesta *Casa da Ópera*

(1) Nota do tabelião Luís António de Abreu. — Informação de João Lopes de Faria.

algumas companhias, devendo notar-se, entre elas, uma de cómicos espanhóis, que se demorou entre nós desde 9 de Outubro de 1820 a 4 de Janeiro de 1821. Em 1828 deu aqui também exposições teatrais outra companhia de cómicos italianos (1).

Passam tempos e vem o *Teatro de Vila Pouca*, em 1835. Era do Conde de Vila Pouca, e funcionou lá em baixo, no Campo da Feira, na antiga Rua das Pretas, n.º 1, 3, 5, nas primeiras casas do bairro que fica ao lado do rio. O P.º Caldas não indica a data da sua inauguração. Abade de Tágilde diz-nos que foi em 1841 («Rev. de Guimarães», vol. 19, pág. 48), o que não pode ser, pois a 18-1-1841 foi êle propositamente incendiado, como no-lo indicam P.º Caldas e o «Espectador». P.º Caldas diz-nos até que neste teatro, por muito tempo se deram espectáculos públicos («Guimarães», t.º I, pág. 155). ¿ Qual a data certa, pois, da sua inauguração? E' difícil precisar. Os jornais da época, que largamente consultámos, «O Artilheiro», «Periódico dos Pobres», «Correio do Pôrto», etc., não nos dão uma única noticia sôbre êste assunto. ¿ Porque dizemos então que foi em 1835? (2) E' muito provável que tivesse sido em antes.

(1) João Lopes de Faria, numa efeméride, indica-nos o seu presumível local: Em 13-5-1819, no aniversário de D. João VI, os estudantes representaram na *Casa da Opera*, que era atrás da capela de N. S.ª da Guia, onde está a casa da sacristia, uma tragédia que foi mal desempenhada. — («Independente», n.º 336).

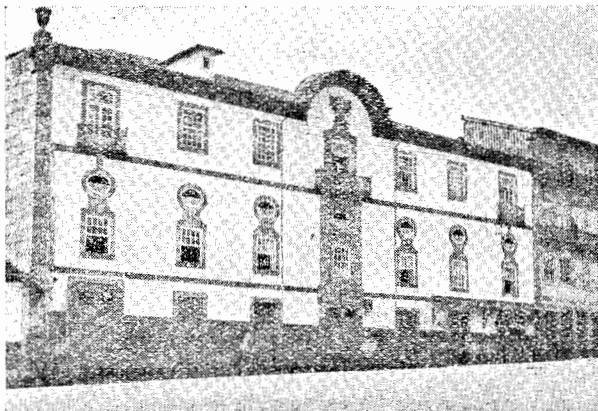
Se naquele sítio ficava em 1769 o *Teatro à Torre dos Cães*, segundo P.º Caldas e Abade de Tágilde, existindo ainda em 1787 quando possivelmente passou por alguma reforma, segundo o contrato acima estampado, ¿ será possível que êste teatro, simples *barracão construído de tabique*, nos apareça ainda em 1819, trinta e dois anos decorridos da segunda data, e com a designação de *Casa da Opera*?

A ser ali, temos de concluir que por muitas mudanças passou aquela casa de espectáculos; mais nos inclinamos a supor que em outro sítio devia ter funcionado a *Casa da Opera*, em virtude das obras de arranjo e demolição que bem cedo aquele lugar sofreu.

(2) Uma preciosa fôlha manuscrita que possuímos, assim nos esclarece: «No dia 23 de Fevereiro de 1835 vários estudantes desta vila representaram pela primeira vez no Teatro da rua das Pretas, propriedade do Conde de Vila Pouca, a tragédia — o *Tello* — (deve estar por *Othelo*, célebre tragédia de Shakspeare), repe-

A 6 de Maio de 1849 é inaugurado o *Teatro de S. Francisco*, com o drama em 5 actos «O Cigano» e a comédia «O Duelo no Terceiro Andar», representados por curiosos. Deram-se ali espectáculos públicos até 1854, ano em que se fechou o teatro. Funcionou no extinto convento de S. Francisco (1).

Vem depois o *Teatro de D. Afonso Henriques*, inaugurado com os bailes de máscaras no carnaval



Teatro de D. Afonso Henriques

de 1855, segundo P.^o Caldas, e em 12-8-1855 com o drama «Os dois Renegados», segundo J. L. de Faria,

tindo-se no dia 1.^o de Março; *de ambas as vezes tiveram sempre enchentes e grandes ovações pelo seu bom desempenho.*»

Em Janeiro de 1841 era feito em escambros, e correu logo a voz de que tinham sido os estudantes que lhe charriscaram o fogo. As razões?

Outros disseram públicamente: «Foi incendiado, em 18 de Janeiro de 1841, o teatro do barão de Vila Pouca, dizendo-se logo que não fôra casual. O motivo de lhe haverem lançado o fogo foi, segundo então se disse, o ter o barão negado o teatro a uns curiosos que ali queriam repetir a representação de uma peça que poucos dias antes haviam levado à scena.» — («Vimaranense» de 19-1-1897).

(1) A 21-1-1849, por iniciativa de Rodrigo Martins da Costa, Domingos António de Freitas e Jerónimo S. Carlos da Silva Ribeiro, planizou-se a fundação dum novo teatro, por meio de acções de 1\$000 réis. Levou-se a efeito o plano e fez-se o tea-

que acrescenta dizendo que o nosso exímio violinista Francisco de Sá Noronha, tocou algumas composições suas nos intervalos, e que na véspera vieram do Pôrto bastantes pessoas para assistir à abertura do teatro (1).

Vinte e cinco anos decorridos surge, em 1880, o *Teatro de Variedades*, na rua de Gil Vicente, nos terrenos da Associação Artística, onde uma companhia de actores ambulantes levou à scena vários dramas e comédias. O P.^o Caldas dá a inauguração dèste teatro em 2-1-1881, pelas 4 e meia horas da tarde, com a representação da opereta-cômica em 2 actos, «Mateus — o braço de ferro», e várias comédias.

Um ano volvido, em 1881, aparece o *Teatro Recreios Dramáticos* (2), no Largo do Retiro, também

tro em grande parte do extinto convento de S. Francisco, num grande salão que faz esquina para a rua dos Terceiros — (P.^o Caldas, *Guimarães*, t. I, pág. 155).

Por esta altura também a Sociedade Dramática tinha pedido a enfermaria do convento de S. Francisco para um teatro.

(1) Em 1853, igualmente por meio de acções de 10\$000 rs, principiou-se no largo do Campo da Feira o actual teatro de D. Afonso Henriques. E' curioso anotar, e importa dizer-se, que houve duas emissões de acções dèste teatro, cada uma com seu nome diferente à cabeça. Vejam-se as gravuras que dos dois títulos reproduzimos.

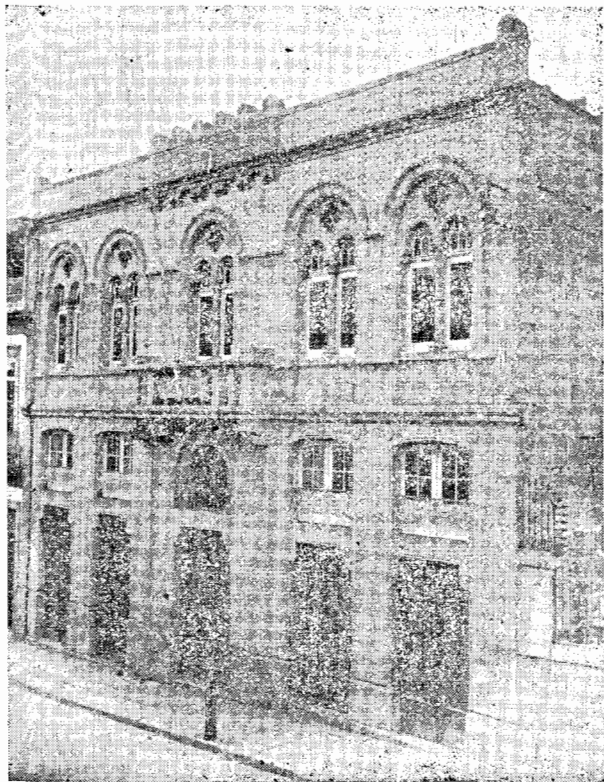
O importante, é isto: Antes da inauguração do teatro, as acções aparecem com o título de *Teatro Vimaranense*, e com a data fixa de 1853. Cinco anos depois da sua inauguração, e tendo tomado o teatro o nome de *D. Afonso Henriques*, é que aparece, aí por 1860, a segunda emissão, com o título de **Teatro D. Afonso Henriques**. As acções desta segunda emissão têm as datas correspondentes ao mês e ano da sua aquisição. As que são intituladas de *Teatro Vimaranense* têm ao cimo o emblema teatral que figura no frontispício do Teatro de D. Afonso Henriques.

Mas, de tôda esta embrulhada, nem as actas e demais papéis do arquivo do velho D Afonso nos fazem uma pontinha de luzeiro. O que diremos é que as acções de ambos os títulos eram valorizadas com nomes fidalgos, de respeitável garantia. Ultimamente, porém, poderes mais altos, deram às acções um valor... irrito e nulo.

(2) «*Teatro Recreios Dramáticos* — E' uma nova casa de espectáculos, que vai abrir-se amanhã, no Largo do Retiro, desta cidade. E' empresário desta nova casa de espectáculos o Sr. Eduardo Branco, que se tem dedicado com empenho à sua decoração, e que promete dar ali espectáculos muito variados e atraentes. Inaugura-se amanhã, com um baile de máscaras de tarde, e uma récita dramática à noite.» — («Religião e Pátria», de 5-2-1881).

chamado Largo do Eirado do Forno, ou Ourado, como o povo hoje correntemente lhe chama.

Neste mesmo ano, a 1 de Maio, é inaugurado o *Novo Teatro de Variedades*, que substituiu com van-



Edifício da Ass. Artística Vimaranesa — Teatro Gil Vicente

tagem o *Teatro de Variedades*, tendo subido à scena a comédia «O Tio Mateus» e a opereta «O Processo do Rasga» ⁽¹⁾.

(1) Mais uma vez, por êrro de data, no que muito pecava, o P.º Caldas nos dá a inauguração d'êste *Novo Teatro de Varieda-*

Em 1882 aparece o *Teatro Gil Vicente* e a 14 de Dezembro de 1884 é inaugurado o *Teatro-Salão Artístico Vimaranesense*, com a representação da opereta-burlesca em 3 actos «Os Três Casamentos na Aldeia», levada à scena pelo Grupo de Amadores Vimaranesenses, sendo recitada no intervalo do 2.º acto uma poesia por Albano Belino (1).

Neste teatro se exhibiu, em 1890, e com grande trovoadade de rebuliço, o afamado grupo de *reiseiros* da Ponte de Serves (2). Este grupo também representou no Teatro de D. Afonso Henriques.

Em Janeiro de 1897 outro grupo de *reiseiros*, pomposamente designado de *Companhia Dramática de Ribeirão*, Trofa, e composto de 33 figurantes, representou no Teatro-Salão Artístico Vimaranesense. Foi representado o drama, então vulgarizado, «Os Três Reis Magos».

Ai por 1867, no palacete que depois foi do fidalgo do Toural, deram-se várias representações, e foram exhibidos, com geral agrado, os *fantoches*, como entre

des em 1 de Maio de 1880. Uma notícia da «Religião e Pátria» reforça, em abôno, a data de 1881. Este primitivo barracão, foi levantado em terrenos pertencentes a José Joaquim da Silva e construído pelo mestre-carpinteiro Gaspar Martins, morador no Ourado. Foi o seu proprietário durante alguns anos.

(1) Do *Grupo de Amadores Vimaranesenses* fazia parte o sacristão de S. Domingos, Manuel Mendes Porca, curioso de grandes méritos na arte de representar.

(2) «Alguns rapazes da Ponte de Serves, levam hoje à scena, às 7 e meia horas da tarde, no Teatro da Associação Artística, o drama sacro em 5 actos, «O Menino Deus», ou «Os Três Reis Magos». E' desnecessário reclamo, porque estamos certos que o teatro se encherá de gente. Quando há bons espectáculos...» — («A Penha», de 19 de Janeiro de 1890).

O número de 26 de Janeiro do mesmo periódico, comenta: «Nunca assistimos a um espectáculo tão burlesco! tão ridículo! Desde o diálogo do Rei Herodes com o capitão Bombalho, e a guerra à *outrance* contra o Menino Deus, até à cantilena do galego quando chega ao Presépio, foi dum cómico ridículo! Depois aquele: era a ti que te *precurava*... Mas... havia um *passé* para os intérpretes, porque elles nem ler sabiam; porém o que deveras estranhámos, foi a maneira como alguns rapazes procederam durante a representação. Piadas indecorosas e vozeria infernal, de fazer còrar a mais desbragada *cocotte*.»

nós o povo correntemente chamava ao teatro de *marionettes* (1).

Em 1881 havia um recinto de divertimentos denominado — *Salão do Campo da Feira*, onde funcionava uma escola de dança e onde se efectuavam bailes com entrada a 40 réis (2).

Curioso anúncio nos aparece também num periódico de 1900, indicando pomposamente: *Salão Recreativo Universal* — Rua de S. Dâmaso — (Todos os dias esplêndidas vistas das mais notáveis cidades e monumentos do mundo — Entrada Geral 40 réis) (3).

Grupos scénicos **Associações Recreativas** **Conclusões finais:**

Fácilmente se apercebe, por tudo quanto ficou exposto, do movimento teatral que se desenvolveu nesta miúdeira terra provinciana, desde os afastados tempos, cheios de brilho e de côr, de espalhafato e garridice nas representações que por aqui se mostraram, até os tempos de hoje, mortiços e apagados, onde não reluzem nem falam os camarins e os palcos...

Adivinha-se com prazer infindo, — prazer tanto mais subido ao grau da nossa admiração, quanto mais pensarmos que os tempos modernos nenhuma regalias recreativas no nosso meio verteram — que esta terra marchou na distinção dos seus espectáculos, porque teve sempre casas próprias, que lentamente foi alterando e modificando, consoante as necessi-

(1) «O teatro de *marionettes*, a que em Espanha se chamava *tteres*, recebeu em Portugal uma designação própria, que bem mostra que esta ordem de espectáculos foi talvez a única de que gozou o nosso povo. Os *bonifrates* eram essas figuras movidas por cordéis, que representavam nas tabernas e pousadas de Espanha as scenas de *Gaifeiros* e os mistérios da Paixão, em Portugal a própria designação mostra o seu intuito satírico.» — (*História do Teatro Português — séculos XVI e XVII*, por Teófilo Braga, pág. 149).

(2) «O Formigueiro», n.º 56, de 1881.

(3) «Eco de Guimarães», n.º 10, de 1900.

dades do acréscimo populacional e das exigências scénicas.

E comparando o seu progredimento com o de outras terras do País, verdadeiramente chegamos à conclusão de que Guimarães não parou, nem ficou para



Exemplar da 1.ª emissão das Acções
do Teatro de D. Afonso Henriques

trás dos entusiasmos scénicos que fervilhavam nos meios de mais desenvolvida capacidade.

Quer dizer: Esta terra teve sempre a visita amiudada das melhores companhias portuguesas, prova evidente de que os gostos dos seus habitantes andavam afinados, e de que vendo e admirando os bons actores e abarcando o pensamento e a efabulação das mais apuradas peças, se distraíam no requinte simultâneo duma boa educação espiritual.

Alimentaram sempre, também, com entusiasmo, com aplausos e com o seu concurso de presença esportulada, os diversos grupos dramáticos do burgo.

Eram eles um fomento inicial de receita para as casas de caridade, para os estabelecimentos pobres de



**Exemplar da 2.^a emissão das Acções
do Teatro de D. Afonso Henriques**

Guimarães, que começavam a sua vida de bem-fazer ao próximo numa senda dolorosa de constante pedir pelas portas, visto que os rendimentos ainda se não firmavam em cascos de sólida base.

O primeiro alento de caridade foi-lhes dado por muitos dêsses abençoados grupos.

Havia-os formados por gente rica, por gente estimada e fidalga.

Havia-os formados por gente pobre, por artistas, por trabalhadores humildes e estudantes.

Uns tinham designação patronal, divisa artística, o seu nome de fama.

Outros não se apelidavam, não se juntavam em bandeira associativa. Reüniam-se e agrupavam-se na maré das circunstâncias, quando os seus serviços fôsem chamados para o bem da caridade.

Todos honraram Guimarães.

Era então e foi sempre, a arte de representar, a melhor escola educativa.

Recreavam-se os grupos da mocidade, educavam o seu espírito, afinavam a sensibilidade e os sentimentos, desenvolviam as suas maneiras, o seu aspecto de apresentação, de convivência, davam de si um lindo exemplo à sociedade que os aplaudia e de certo modo se mostravam no orgulho das suas aptidões às graças femininas.

Esta terra acompanhou, pois, como dissemos, a tendência geral desses tempos, que era, felizmente, a da recreação scénica, espalhada pelos grupos e praticada também nos colégios e internatos.

Mais tarde, estas tendências espalharam-se com vantagem e regalias de provento pelas congregações católicas.

Noutros tempos, a congregação da Santa Infância dava as suas representações no átrio de Santa Clara.

O Círculo Católico e a Juventude Católica deram lindos espectáculos nas suas sedes.

Hoje dão-nos, com o fim beneficente e educativo, é claro, o Asilo de Santa Estefânia, Oficinas de S. José e os colégios do Campo da Feira e Vila-Pouca.

Em 1902 funcionava na casa dos Matos Chaves, ao Largo do Carmo, um teatro familiar, onde se deram récitas muito distintas, organizadas pelas melhores famílias de Guimarães.

E' certo que noutras eras êsses grupos dramáticos tinham uma desempenada e duradoira condição de vida, porque os tempos eram mais calmos, mais serenos, menos ambiciosos, mais ignorados das distrações emotivas, mais falhos de divertimentos progressivos.

Os poetas estimulavam êsses grupos, publicamente, nos jornais, com tiradas de exuberante inspiração.

Os autores dramáticos vimaranenses para êles compunham, em bom engenho, peças que despertassem aplausos. Os espíritos desempoeirados e de sensibilidade apurada, encaminhavam-nos em todos os partidos, passos e jogos de palco.

De maneira que os grupos enxameavam, sendo as récitas de caridade freqüentes e os espectáculos de Carnaval divertidos e animados.

Em várias épocas, e no caminhar espaçado dos tempos, tivemos então a *Academia Vimaranesense* (1724), *Sociedade Patriótica Vimaranesense* (1835) (4), *Associação Escolástica Vimaranesense* (1837), *Sociedade Dramática* (1849), *Sociedade Recreativa Vimaranesense* (1850), *Sociedade Civilizadora* (1851), *Assembleia Vimaranesense* (1858), *Sociedade Dramática Tália* (1879), *Sociedade Terpsicore Vimaranesense* (1881), *Sociedade Artístico-Dramática* (1881), *Companhia Dramática Vimaranesense* (1881), *Sociedade Dramática de Infantaria 20* (existiu quando aqui foi tenente o Sr. António Emílio de Quadros Flores, que era o seu ensaiador), *Clube Comercial Vimaranesense* (Soc. de Instrução e Recreio — 1885), *Troupe Musical Artística Vimaranesense* (1892), *Clube de Instrução e Recreio* (1893 — era formado por académicos), *Clube Artístico Vimaranesense* (Soc. de Instrução e Recreio — 1895), *Centro Musical Vimaranesense* (1897), *Grupo de Amadores Vimaranesenses* (1898), *Centro Operário Sarmantino* (1900), *Círculo Católico S. José e S. Dâmaso* (1903?), *Grupo Musical Araújo Mota* (1904), *Grupo Dramático Gil Vicente* (1905), *Clube do Pevidém* (1905), *Círculo Católico de S. Lourenço de Sande* (1905), *Ateneu Vimaranesense* (1906), *Centro Democrático Instrutivo* (1907), *Grupo Dramático Beneficente* (1908), *Grupo de Propaganda «Por Guimarães»* (1910 — tinha um grupo scénico), *Sport Grupo 6* (1911), *Grupo Dramático Júlio Dantas* (1913), *Grupo Scénico*

(4) Na sessão do dia 17 de Janeiro de 1836 da *Sociedade Patriótica Vimaranesense*, o sócio Sr. Souto leu uma proposta para se formar um Teatro Nacional na vila. Esta proposta foi combatida pelos Srs. Pinto Teixeira e Abreu Ferreira, e sustentada pelos Srs. Bandeira, Costa, Abreu, Leite de Castro e Lima. Posta à votação, foi aprovada. — «O Artilheiro», n.º 20, de 27 de Janeiro de 1836.

Almeida Garrett (1916), *Grupo Scénico da Juventude Católica* (1916), *Grupo Scénico do Orfeão de Guimarães* (1918 a 1925), *Grupo Scénico dos Empregados no Comércio* (1925 a 1930), *Grupo Dramático Vimaranesense P.^e Gaspar Roriz* (1927), *Grupo Scénico Amigos dos Scouts* (1931), *Grupo Scénico Mocidade Alegre* (1931), *Grupo Scénico Pró-Biblioteca da Ass. Artística Vimaranesense* (1931-1932), *Grupo Dramático Pró-Vizela* (1933), *Grupo Dramático Vizelense* (1934), *Os Beneficentes* (grupo scénico de Moreira de Cónegos — 1936) (1).

E quantos mais Grupos e Sociedades de que os nossos jornais não deram referência nem os nomes!...

Os ensaiadores eram de categoria e de estucha: o Barão de Pombeiro, um gentil-homem, recitador primoroso, impecável, distinto de maneiras e de aprumo fidalgo; o poeta vimaranense José Ferreira Mendes de Abreu, conhecido pelo *Zé Fatinho*, António Augusto da Silva Caldas, José de Freitas Costa, General Sequeira, António Emílio de Quadros Flores, Tenente Infante, Arnaldo Pereira, P.^e Gaspar Roriz, etc.

Aos mancebos da *Sociedade Terpsicore Vimaranesense* cantou certa maré, em hinário exultivo, o ilustre poeta Visconde de Pindela:

*Mancebos, avante! com passo seguro
Trilhai esta estrada com fé, com ardor;
Assim, oh! por certo, vereis o futuro,
A coroa cingir-vos de artistas e de actor.*

*E encetada a brilhante carreira,
Vós, mancebos, avante marchai;
Prossequindo na senda espinhosa,
Mais triunfos no palco tentai* (2).

E agora ? que resta, de todo êsse passado e glorioso período artístico ?

(1) O Luis Filipe Coelho ajudou-nos a completar esta lista. Agradecemos.

(2) «A Tesoura de Guimarães».

Pouco teatro os vimaranenses escrevem, de entreccho representativo e de colorido tradicional ou regionalista, teatro sintético, impressivo, verdadeiro, simples e humano.

E se pouco teatro se escreve, nenhum teatro se representa, porque não há casa de espectáculo de porta aberta.

Que resta, então ?

Dois grupos scénicos, intitulados *Mocidade Alegre* e *Grupo Dramático Vimaranense P.^e Gaspar Roriz*, que rapazes muito animosos sustentam, dando as suas récitas pelos salões da Creche e nos palcos agaiolados do Asilo de Santa Estefânia e da Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda.

O *Orfeão de Guimarães* e a *Orquestra Vimaranense* pelos mesmos salões da Creche e da Assembleia Vimaranense vão exhibindo, com assinalados requintes de erudição artística, os seus saraus literários e musicais, os seus saraus de canto e de frescura poética.

São estas as únicas casas que comportam representações scénicas, numa adaptação acanhada e desconfortável.

Pobre remedeio dos tristes...

O D. Afonso Henriques fechou as suas portas, por imposição da Inspecção Geral dos Teatros, sendo agora, de portas adentro, um bairro de pobreza e de miséria...

O Gil Vicente, lá vai envergonhando a sua desmantelada existência...

Ao ar livre, em cambalhada de aspecto, em tristeza de decôro, em desabrigo, dois cinemas últimamente funcionaram: um na Parada dos Bombeiros, outro no Largo da Condessa do Juncal.

¿E não será uma vergonha para esta terra de tradições orgulhosas e de mirrada iniciativa particular, o termos as freguesias do concelho a fazer rêgo direito para os largos horizontes do progresso ?

Em Gondomar, em S. Romão de Mesão-Frio, etc., já as congregações jöcistas levantaram casas próprias para as suas reuniões e onde dão, por vezes, diversas representações scénicas.

Em Moreira de Cónegos há um *Salão Recreativo*, onde o grupo da freguesia, intitulado «Os Beneficen-

tes», tem organizado diversos espectáculos, para o que faz circular vistosos programas ⁽¹⁾.

Em Lordelo, Infias, Pevidém, Ronfe, etc., vários grupos de amadores têm representado teatro.

Em Atães, pensam levantar um barraco para exhibições cinematográficas.

De maneira que temos as freguesias do concelho a dar ensinanças e bons exemplos de civilização, à sede que as governa e administra.

Do mais, falará a História futura.

Guimarães, 1936.

ALBERTO V. BRAGA.

(1) Informação de Luís Filipe Coelho.